

ÁRBITRAS NORDESTINAS: TRAJETÓRIAS DE VIDA NO FUTSAL¹

Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima,

Secretaria de Educação do Estado da Bahia (BA) (SEC/BA)

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Roberta Sousa Mélo,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Christiane Garcia Macedo,

Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: arbitragem; mulheres; futsal.

INTRODUÇÃO

O futsal é um dos esportes mais praticados no Brasil (FONSECA, 2007), apresentando muitas resistências às várias formas de participação das meninas e mulheres. A arbitragem é uma das funções em que se percebe nitidamente tais resistências, sobretudo por sua função de comando, e também por sua vinculação a atributos de masculinidade historicamente definidos: capacidade de liderança, poder de decisão, firmeza (ABRAHÃO; VIEL, 2018).

Este estudo objetivou analisar a trajetória de vida de árbitras que atuam/atuarão no futsal da região nordeste e refletir sobre como suas representações de “ser mulher árbitra” articulam-se à sua identificação enquanto “mulher nordestina”. Este estudo parte do recorte de uma pesquisa realizada de 2018 a 2020. Utilizamos como aportes teóricos e metodológicos a História Cultural, os Estudos de Gênero e a História Oral. Foram realizadas 13 entrevistas e analisados os acervos pessoais das árbitras. As árbitras são: Ana Meire Viana dos Santos (BA), Ana Paula Cerqueira Neves (BA), Nadjara Santos Andrade Barbosa (BA), Tiara Ferreira de Santana (BA); Fernanda Sousa Feijão (CE), Patrícia Guedes Menezes (CE); Alane Jussara da Silva Lucena (PB), Ruthyanna Camila Medeiros da Silva (PB), Renata Neves Leite (PB); Márcia Fernanda Lima Vieira (PI), Nilmara Laísa Pereira Lima (PI). Também incluímos 2 entrevistas com Paraguassu Figueiredo, Diretor de Arbitragem da Confederação

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Brasileira de Futebol de Salão – Futsal e Inês dos Santos, ex-diretora do Departamento Técnico Feminino da CBFS na década de 2000.

SER MULHER, SER ÁRBITRA, SER NORDESTINA

Ao olhar para as trajetórias de vida das árbitras reforçamos que cada narrativa é única, contém suas particularidades e especificidades. Mas, podemos percebermos alguns pontos em comum: 1 - A relação estabelecida com o esporte, e mais especificamente com o futsal e o futebol, tem início na infância das pesquisadas e, em grande parte, na interação com pessoas do gênero masculino (irmãos, amigos, primos e vizinhos, por exemplo); 2 - Segundo todas as entrevistadas, as aulas de Educação Física contribuíram para seu interesse pelo esporte; 3 - Os laços familiares aparecem marcadamente nos depoimentos, seja como suporte, seja pelos conflitos desencadeados por sua decisão pela carreira esportiva; 4 - As entrevistadas enfatizam a necessidade de transgredir a fixidez das representações hegemônicas de gênero ao longo de suas vivências e, paulatinamente, nos dão indícios dos diferentes recursos de que necessitaram lançar mão para traçarem seus caminhos nesse universo.

Destacamos que na arbitragem é importante romper o “teto de vidro” (ROCHA, 2006) que legitima situações de subordinação e invisibilidade feminina em espaços historicamente definidos como masculinos. Algo que se destaca no Futsal é a criação do Quadro Nacional de Árbitras em 2003, permitindo assim, uma maior atuação delas, pelo menos nas competições de mulheres. Também é importante destacar que tanto a criação do quadro, quanto a permanência dessas mulheres no comando das partidas se deu por ações das próprias árbitras (mostrando eficiência e resistência em seu trabalho) e dirigentes como Inês, Paraguassu e Daniel Pomeroy. Ações institucionais que são necessárias para um tratamento mais igualitário de atletas, árbitras e gestoras no esporte.

Em suas falas também destacamos o pertencimento ao nordeste, visualizando a incorporação de características tradicionalmente associadas a essa região e ressignificadas em seu trabalho. Embora as assimetrias citadas sejam sentidas por mulheres no esporte em outras regiões, simbolicamente se reconhecem como “guerreiras” por serem nordestinas. Entrelaçam, assim, essas identidades, mostrando também as diversas possibilidades de vivenciá-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, focamos nas trajetórias das árbitras e em algumas questões que nos pareceram mais centrais em suas falas. Embora algumas conquistas sejam apontadas, ainda é importante a conscientização dessas trabalhadoras, o reconhecimento das suas histórias e a luta por espaço e respeito.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, J.; VIEL, P.. Liderança Feminina: O Espectro da Masculinização das Mulheres e os Desafios da Desigualdade de Gênero Em Posições de Poder1. In: INTERCOM, **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2018.

FONSECA, C. **Futsal: o berço do futebol brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2007.

ROCHA, C. **Gênero em ação: rompendo o teto de vidro?** Tese (Doutorado) – PPGICH, UFSC, Florianópolis, 2006.